

Modelo da comunicação natural mediada pela Lógica de Peirce: TV digital, semiose e dialogismo*

Luiz Nelson de Oliveira Trentini

Índice

1	Introdução	2
2	Semiose: ação ordenada/associativa dos conteúdos no processo comunicacional	5
3	O processo comunicativo mediado a partir da semiose	7
4	A semiose como conceito de informação no processo comunicativo	9
5	A semiose comunicativa que pressupõe a cognição	12
6	Modelo da Comunicação Natural Mediada Um-todos-todos-um	15
7	Modelo da Comunicação Natural Mediada: um exemplo aplicado à TV Digital	20
8	Referências	21

Resumo

A presente pesquisa propõe um modelo comunicacional para a televisão digital fundamentado na lógica de Charles Peirce. Para

*Este artigo resulta da conclusão da dissertação de mestrado em comunicação midiática, pela UNESP/Bauru-SP.

tanto são discutidas a ação ordenada e associativa dos conteúdos no processo comunicacional; o processo comunicativo mediado a partir da semiose; a semiose como conceito de informação no processo comunicativo; a semiose comunicativa como meio cognitivo; e, propõe o Modelo da Comunicação Natural Mediada um-todos-todos-um, aplicado à TV digital brasileira.

Palavras-chave: TV digital, semiose, mediação, informação, cognição, modelo comunicacional.

Abstract

This research proposes a communication model for the digital TV based in Charles Peirce's logic. For so much they are discussed the ordered action and associative of the contents in the communication process; the communicative process mediated starting from the semiosis; the semiosis as concept of information in the communicative process; the communicative semiosis as medium cognitive; and, proposes the Model of the Mediated Natural Communication a-all-all-a, applied to Brazilian digital TV.

Key-words: digital TV, semiosis, mediation, information, cognition, communication model.

1 Introdução

A presente pesquisa vai ressaltar o mundo da comunicação mediada, sob o ponto de vista da Lógica¹ de Peirce, produzindo o Modelo Natural de mediação para a TV digital brasileira, onde o “dialogismo e a semiose são conceitos fundamentais” (SANTAELLA,

¹Na aparente diversidade da obra de Peirce, “há uma espécie de centro nervoso para o qual todas as suas investigações convergiam. Trata-se da semiótica concebida como lógica num sentido muito mais vasto do que a lógica costuma ser no seu tempo e também do que continua a ter ainda hoje” (SANTAELLA, 2004: 156).

2004:156) para o processo. Assim, também será destacado que o dialogismo e a semiose são pressupostos do ato comunicacional (idem). Nesse aporte, as “questões abstratas da ontologia [...] teoria do significado, filosofia da mente [...]” (idem), em sua essência são concepções metodológicas que objetam o desenvolvimento de “um conceito altamente abstrato de mente [...] derivado de tudo aquilo que está implícito na tendência para a verdade que habita os arcanos da alma humana” (idem).

Nesse propósito, na troca dialógica entre dois interlocutores, Peirce encontra “o mais maravilhoso tipo de funcionamento sígnico” (MS 283: 119). Isto é, durante a conversação ocorre a troca sígnica entre a mente emissora e a mente interpretante e, deste para a primeira, o que forma o “paradigma da semiose” (SANTAELLA, 2004: 162), ou o processo semiósico. Portanto, para Peirce a ação sígnica interage entre dois comunicantes, o “emissor e o intérprete” (idem).

Assim, a linguagem não é expressa apenas pelo uso da palavra, que são signos convencionados. É antes de tudo, expressa através de signos que envolvem conhecimento e consciência. A Linguagem é, em síntese, tomada por Peirce, na visão de Deely (DEELY, 1995: 141-142), como um instrumento para modelizar o *Umwelt*² do homem. Por causa desta referência circular, os humanos obtiveram liberdade para reinventar relações sematológicas com o mundo que acelera a evolução de *Umwelts* (idem).

Desse modo, a comunicabilidade só é possível quando “algo é intercambiado de um lugar para outro” (SANTAELLA, 2004: 160), entre os *Umwelts* dos indivíduos envolvidos no diálogo e, que os interlocutores devem estar em alguma “forma de influência ou algum tipo de mudança” (idem) nessa formulação dialógica.

² A noção de *Umwelt* foi introduzida por Uexküll, (1940) para um mundo subjetivo como é percebido modelado por um organismo. Assim, a evolução não é só uma mudança na forma de órgãos, mas, além disso, uma mudança em relação sematológica com o mundo. Disponível em <http://www.gypsomoth.ento.vt.edu/~sharov/biosem/biosem.html#papers>. Acessado em 20 de agosto de 2005.

Assim, essa mudança ou transformação entre os interlocutores só pode ser dada quando esse “algo intercambiado” possuir algum “conteúdo” (idem), também chamado de “informação” (idem). Nesse sentido, a mensagem é o corpo dialógico que materializa a informação através da combinatória sígnica, o código. Para que essa mensagem seja intercambiada entre os interlocutores é necessária a existência de um “canal, veículo ou meio” (idem). Conforme Lúcia Santaella, “todo conteúdo” (idem) encontra sua manifestação na mensagem; “toda mensagem encarna-se em signos” (idem); e, a presença de um meio que possibilite a veiculação da mensagem entre os dois interlocutores. Nessa abordagem, estes são os pressupostos para um “nível básico” para as “interrelações entre a comunicação e a semiótica” (idem).

Portanto, a lógica-semiótica de Charles Peirce é “concebida como uma lógica fundacional” (idem) e esse inter-relacionamento emerge em um “nível mais profundo” (idem), onde, de um lado, a semiótica também pressupõe, portanto, uma “teoria da comunicação” (idem), pelo fato de não haver comunicação fora da intermediação sígnica. De outro lado, o processo *continuum* da semiose revela todo o processo interpretativo comunicacional, uma vez que, a “ação do signo é a ação de ser interpretado em um outro signo” (idem: 161), conforme Santaella, “o significado de um signo é outro signo do qual a semiose está em permanente devir. Como poderia haver comunicação se não houvesse produção de signos para serem interpretados?” (idem).

Assim, em um aprofundamento qualitativo, a concepção da semiose peirceana é considerada um “modelo comunicacional abstrato”; ele inicia no *dictum*, onde todo “pensamento deve ser considerado dialógico” na sua essência, seja ele dado entre dois interlocutores, seja ele dado apenas em um indivíduo. Nesse sentido, uma idéia pensada não é iniciada entre dois indivíduos comunicantes, antes, “na semiose protocomunicativa, no pensamento e na cognição de cada um” (idem), sem o relacionamento comunicacional externo, já que “o pensamento ocorre sempre na forma de um diálogo – um diálogo entre as distintas fases do ego” (CP

4.6). Dessa maneira, ao ser transferida a dialogicidade fundamental existente nos processos comunicacionais e semióticos ao “processo do pensamento aparentemente monológico” (idem). Peirce chega à conclusão que a idéia pensada não é empreendimento de uma pessoa como um sujeito autônomo, “[...] uma pessoa não é completamente um indivíduo. Suas idéias são aquilo que ele mesmo ‘se diz’, isto é, aquilo que ele diz àquele outro ser que, no fluxo do tempo, aparece. Quando argumentamos, é este ser crítico que estamos querendo convencer” (CP 5.421).

Nessa abordagem, a perspectiva dialogística dada na essência do “ser pensante significa distinguir de si diferentes papéis em um diálogo contínuo” (idem), seja do eu do presente que “se dirige a um eu futuro que emerge no fluxo do tempo” (idem). De maneira mais simples, pode-se dizer que a idéia pensada possui dois papéis, “o do eu crítico e o do eu inovador” (idem); a idéia pensada pelo eu crítico sofre a persuasão do eu inovador, na presunção de mudança de hábito. Nesse debate interior, a dialogicidade “não pressupõe nenhuma intencionalidade dirigida pela consciência” (SANTAELLA, 2004: 162); somente no “discurso racional e intencional” (idem) é dada uma das muitas formas da semiose. Dessa maneira, para Peirce a dialogicidade interior é “polimorfa”: a vida interior é dispersa na “pluralisticamente entre os campos de nossa experiência. Peters, 1999: 259 *apud* (SANTAELLA, 2004: 162)”.

2 Semiose: ação ordenada/associativa dos conteúdos no processo comunicacional

A noção da semiose tem sido utilizada sobremaneira para se investigar processos de comunicação, embora não tenha sido ainda satisfatoriamente explorada para sistematizar modelos específicos de comunicação. Provavelmente, a natureza complexa e procesual da teoria encontra ressonância nas características singulares da comunicação mediada.

Nesse sentido, é importante que seja dada uma visão sobre o a

Lógica de Peirce fundamenta na estrutura da comunicação, ainda em nível dialógico. Para tanto, Peirce parte do ordenamento associativo do signo triádico da seguinte maneira: o emissor substitui o objeto, o signo dá lugar ao discurso e o receptor substitui o interpretante. Nessa abstração, a essência relacional entre a tríade objeto/signo/interpretante é “derivada, portanto, da idéia de um emissor, um enunciado e um intérprete” (SANTAELLA, 2004: 164).

Assim, Peirce procura “abstrair do emissor e do intérprete os ingredientes que são vitais à noção triádica do signo” (idem). Nesse aporte, ele busca intermediadores que possam “desempenhar os papéis significantes de emissor e intérprete” (idem). Nesse sentido, o ato comunicacional ou “interativo comum foi tomado como um caso paradigmático da ação sígnica, do qual seria possível extrair os componentes nucleares dessa ação” Bergman, 2003: 11, *apud* (SANTAELLA, 2004: 165). Portanto, a noção de signo é uma semiose “da noção mais crua de enunciado” (SANTAELLA, 2004: 165), como a “noção de interpretante é um refinamento lógico da noção de intérprete [...] A parte mais enigmática está, sem dúvida, na derivação do conceito de objeto do conceito de emissor” Ransdell, 1977: 172, *apud* (SANTAELLA, 2004: 165).

Peirce surpreende, ao tratar da comunicação entre duas pessoas em idioma comum, através de modelo básico: “com a assistência dos movimentos dos lábios e dos gestos, cada um dos falantes interpreta a seqüência de sons pronunciada pelo outro como sendo palavras, frases, cláusulas, sentenças” Fisch, 1986: 357 *apud* (SANTAELLA, 2004: 165). Portanto, pode-se dizer que as palavras, frases, sentenças e todas as interações simbólicas dentro da língua “são signos [...] como são os poemas, ensaios, orações, dramas, óperas, artigos de jornal ...” (SANTAELLA, 2004: 165).

Desse modo, pode-se entender que vários signos sonoros, imagéticos e verbais colocados linearmente em dado texto geram um “signo mais complexo” (idem), uma vez que, para Peirce a noção de signo passa pelas “imagens, sintomas, livros inteiros, biblio-

tecas, sinais, comandos, microscópios, representantes no parlamento, concertos e suas *performances*, etc.” (MS 634). Assim, sua metodologia emerge de testes experimentais de uma “definição muito abstrata do modo como os signos agem em geral” (SANTAELLA, 2004: 165), conforme João Queiroz: “Um signo é qualquer coisa que determina qualquer outra coisa (seu interpretante) a se referir a um objeto ao qual ele mesmo se refere (seu objeto) do mesmo modo, o interpretante se tornando por sua vez um signo, e assim por diante, *ad infinitum*”. Peirce, CP 2. 303, *apud* (QUEIROZ, 2004: 48).

Nessa abordagem, a noção do interpretante jamais será completa em relação ao “objeto que representa” (SANTAELLA, 1995: 44). Sempre existirá um novo ângulo a ser observado no mesmo objeto, o que implicaria em novo interpretante, aliás, como dá na comunicação.

3 O processo comunicativo mediado a partir da semiose

O signo é um signo porque ele representa dado objeto, “embora o signo não consiga representar o objeto em sua totalidade. Nesse sentido, quando o signo representa dado objeto, “ele é capaz de afetar uma mente” (SANTAELLA, 2004: 168), de tal forma que ele é capaz de “produzir um certo efeito nessa mente, esse efeito é chamado de interpretante do signo” (*idem*). Isso quer dizer que “é o objeto que determina o interpretante, mas somente o pode determinar pela mediação do signo” (*idem*).

Para Colapietro a “comunicação não fornece os meios para explicar a ação do signo, mas, ao contrário, indica um fenômeno ou espectros de fenômenos a serem explicados por meio de outras concepções mais básicas” Colapietro, 1993: 34 *apud* (SANTAELLA, 2004: 168). Nesse sentido, pode ser apreendido que a noção triádica do signo aqui envolvida são “mais genéricas e abstratas” (SANTAELLA, 2004: 168) e, por isso mesmo “estão muito mais aptas para explicar os fenômenos comunicativos” (*idem*).

Como o signo é “comumente entendido como uma implementação para a intercomunicação” (MS 283: 106), embora esse “entendimento comum negligencia” o processo em que é conceituado o signo em Peirce, como “o resultado de uma série de generalizações” (CP 1.82), originadas no decurso “abstrativo das práticas comunicativas” (idem). Assim, torna-se claro o propósito de que tais “generalizações foram elaboradas e integradas” (idem) no sentido de “iluminar essas práticas comunicativas, mas também os vários contextos em que essas práticas emergem e continuam a desenvolver-se” (CP 1.25). Nesse viés, é importante ressaltar o modo pelo qual “as generalizações são capazes de inserir os processos comunicativos numa moldura ampla de *interfaces* com as teorias triádicas que podem ser extraídas da definição lógica de semiose” (idem)

Desse modo, a noção de aplicabilidade do signo não pode ser dissociada da idéia de comunicação, uma vez que a aplicabilidade envolve uma relação irreduzível entre signo, objeto e interpretante, isto é, a aplicabilidade em relação ao contexto sógnico. Isso quer dizer que a objetividade referencial, a aplicabilidade e o contexto do signo (o enunciado) determinam um padrão de comportamento observado na interação emissor imagético (verbal ou não-verbal), com o receptor interpretante (intérprete do signo), que pressupõe o modelo do ato comunicativo (SANTAELLA, 2004: 164-165).

Assim, “como o signo é determinado pelo objeto” (SANTAELLA, 1995: 38), suas relações com seu objeto são indicadas no domínio do simbólico onde são trabalhadas as relações entre o signo, seu objeto e os significados. Desse modo, não se pode “dizer nada sobre aquilo que é externo a não ser pela mediação de um julgamento perceptivo” (idem: 69). Se as qualidades materiais do signo influenciam as relações interpretativas dos sentidos receptores, então os caracteres sensoriais, as formas produtivas e receptivas estão inscritas na materialidade do signo, “como sendo aquilo com que o signo pressupõe uma familiaridade a fim de ele (o signo) possa fornecer alguma informação adicional” (idem: 76) para os participantes de dado ato comunicativo. Nesse sentido, os

signos fazem a mediação (do enunciado) dos objetos do mundo entre o emissor e o intérprete através da representação; uma vez que “tanto o objeto quanto o interpretante são partes constitutivas do signo ou processo de representação” (idem: 83).

Da interatividade do “signo com os interpretantes” (idem) emerge a teoria da interpretação, que propicia procedimentos para “examinar o potencial interpretativo dos signos” (idem), bem como seus “processos de recepção e o problema da verdade” (idem). Nesse sentido, essas três interfaces: da objetivação, da significação e da interpretação, formulam que “os processos de comunicação podem ser vistos como um jogo entre um conjunto de práticas e processos” (idem), pelos quais a diversidade de “perspectivas se fundem na perspectiva inclusiva e ampla semiose ou ação dos signos” (idem).

4 A semiose como conceito de informação no processo comunicativo

A Teoria Matemática da Comunicação, ou Teoria da Informação, criada por Claude Shannon e Warren Weaver delinea a definição de informação como “uma redução da incerteza” (SHANNON E WEAVER, 1975: 53). Essa definição, reafirmada por pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento, representou um marco para estudos posteriores, contribuindo para o desdobramento de novos conceitos. A partir da década de 1950, “quase todas as disciplinas fizeram da informação uma espécie de epicentro epistemológico” (MOSTAFA, 1994: 22), onde a informação inicia sua interação transdisciplinar em diversas “áreas do conhecimento como uma espécie de conceito unificador subjacente ao funcionamento dos sistemas organizados” (idem).

Do ponto de vista etimológico, o termo informação pressupõe diferentes interpretações e aplicações. Pode-se estender o sentido da palavra para “representar, apresentar, criar uma idéia ou noção. No uso diário, pelo homem comum, este sentido se amplia para o conhecimento de um fato, a certeza de alguma coisa”

(SIMÕES, 1995: 150), seja nos campos de estudos relativos à Matemática, Informática, Biblioteconomia, Administração, Política, Educação, Psicologia e Comunicação, delineando uma visão inter/multidisciplinar.

Embora a informação seja um “conceito penetrante” (SANTAELLA, 2004: 190), Santaella propõe que o conceito de informação, poderia sofrer nova delimitação dentro do campo semiótico, derivando para o “conceito de semiose” (idem). Apoiada em conceito rigoroso do século XIX, “no contexto de desenvolvimento da termodinâmica” (idem), ela propõe que a informação seja “identificada com a ordem e a organização em oposição à desordem, ao caos e à entropia” (idem). Em 1928, Hartley, foi o primeiro autor a usar a palavra informação no sentido matemático, como uma “unidade de medida” (idem). Desse modo, um sinal contém informação quando “exclui a ocorrência de sinais alternativos que poderiam ocorrer em seu lugar” (idem: 190-191). Nesse viés, a informação pode ser medida na interatividade entre a “ocorrência textual e o valor codificado de um sinal. Esse tipo de informação é usualmente definido como informação sintática ou assemântica” (idem).

Para Peirce, o conceito de “informação está relacionado com um dos tipos de signos, a saber, o símbolo” (SANTAELLA, 2004: 193), cuja definição seria do signo que tem caráter de lei, regra que determinará seu interpretante (SANTAELLA, 2000: 132). Por isso, Peirce relaciona o conceito de informação aos conceitos de “denotação e conotação”, que somente podem existir sob o caráter de lei (SANTAELLA, 2004: 195).

Desse modo, a denotação do símbolo pressupõe a “extensão do símbolo” que é caracterizada nos objetos “aos quais o símbolo se aplica ou se refere” (idem). Assim, o símbolo “cachorro” refere-se a idéia de um cachorro sem a definição de “pormenores [...], pois não se trata do meu cachorro nem do cachorro do vizinho” (idem). Dessa maneira, o símbolo cachorro não está acompanhado de indicadores. Do ponto de vista da conotação está centrada no aspecto típico e caracterizado que “distinguem

esse animal dos outros” (idem). Assim, em um primeiro momento deve-se distinguir os “caracteres essenciais que a palavra implica, seu interpretante essencial” (idem); e, em um segundo momento, torna-se necessário destacar “a idéia que ela, de fato, produz na mente de um intérprete particular” (idem). E, por último, o conjunto as características “que a palavra pretendia especialmente produzir” (idem).

Como Peirce prioriza a conotação, porque a somatória dos “caracteres (conativo) do símbolo governa sua aplicabilidade” (idem), por isso ele propõe uma definição mais precisa de informação: “[...] a informação estaria mais conectada com a compreensão (e, portanto, com a conotação) do que com a extensão”, uma vez que a informação é definida como “a quantidade de compreensão que um símbolo tem além daquilo que limita sua extensão”. Peirce, 1982: 287 *apud* (SANTAELLA, 2004: 196).

Dessa maneira, pode-se dizer que a informação é aparência interior do símbolo que vai além do que é necessário para “delimitar sua extensão” (idem), onde a extensão informada de um símbolo é dada por Peirce como todas “as coisas das em quais ele é aplicável em um suposto estado de informação” (idem). Ao ser tomado como exemplo o símbolo “mulher”, sua extensão informada “é tudo aquilo que esse símbolo se aplica no estado de informação” (idem) em que se encontra na atualidade. Por outro lado, a profundidade informada é dada por Peirce como todos os “predicados desse símbolo num suposto estado de informação” (CP 2.408-409). Ou seja, seriam todos os caracteres adquiridos recentemente: “por exemplo, emancipação, representatividade, etc. [...] que não possuía nos anos de 1950” (SANTAELLA, 2004: 196).

Assim, pode ser definida a informação na seguinte dualidade: de um lado é um “conjunto de caracteres que podem ser predicados de um símbolo menos os caracteres contidos em sua definição verbal” (SANTAELLA, 2004: 197); e, por outro lado, uma definição de conceber a informação como “um processo de aquisição de conhecimento” (idem). Dessa maneira, o conceito lógico de

informação não está restrito a uma “unidade de medida, qualificável matematicamente, o que permite sua aplicação a processos discursivos de comunicação” (idem). Nesse sentido, o processo de comunicação não verbal é compreendido como a “natureza de suas mensagens, sua contextualização” (idem), bem como os processos receptivos: desse modo, o processo de “semiose é muito mais eficaz” (idem). Como a semiose produz uma infinidade de tipos de signos e seus próprios modos de ação, esse processo também pode ser aplicado aos discursos verbais. Portanto, no símbolo estão contidos outros elementos que se desenvolvem “além da informação, quando também o discurso verbal está entremeado de outros tipos de signos, além do símbolo” (idem).

5 A semiose comunicativa que pressupõe a cognição

Para Peirce, o dialogismo dado pela semiose é um conceito fundamental como pressupostos do ato comunicacional (SANTAELLA, 2004: 156). Assim, na troca dialógica entre interlocutores. Nesse sentido, durante o ato comunicativo ocorre a troca sógnica entre a mente emissora e a mente interpretante e, desta para a primeira. Assim, é que se forma o “paradigma da semiose” (SANTAELLA, 2004: 162). Para tanto, Peirce afirma que a ação sógnica interage entre dois comunicantes, a mente emissora e a mente interpretante.

Portanto, o mais importante é o fluxo de signos entre a mente emissora e a mente interpretante, uma vez que eles se alternam durante o processo dialógico. E, eles não estão a sós no diálogo, dado que, “o fluxo de signos está sempre prenhe de vozes, ecos de discursos de outros” (idem). Assim, em 1906, Peirce concebe um modelo do ato comunicacional entre interpretantes, assim descrito:

Há o interpretante Intencional, que é uma determinação da mente do emissor, o interpretante Efici-

ente (*effectual*) que é uma determinação da mente do intérprete; e o interpretante Comunicacional, ou melhor, o Com-interpretante (*Cominterpretant*), que é uma determinação daquela mente na qual as mentes do emissor e do intérprete têm de se fundir a fim de que qualquer comunicação possa ocorrer. Esta mente pode ser chamada de “*Commens*”. Ela consiste de tudo aquilo que, de saída, é e deve ser bem compreendido entre o emissor e intérprete a fim de que o signo em questão cumpra sua função (SS 196-197).

Nesse sentido, o postulado da mente “*Commens*” para o fluxo da comunicação dialógica ocorra, “não pode nos levar a imaginar que tal unidade seja facilmente atingida” (SANTAELLA, 2004: 163). Nesse sentido, o signo emitido pelo “falante só pode ser parte de sua idéia sobre sua própria vida” (MS 318: 194). O falante deve ser sempre “uma cópia de um pedaço” (*idem*) de sua existência. Desse modo, o intérprete deve apreender uma segunda cópia deste pedaço copiado e tem de saber onde exatamente, “no seu próprio panorama da vida universal, ele deve encaixá-la” (*idem*). Nessa abordagem, continua Peirce, o emissor trabalha com idéias que não lhe pertence. Ele procura determinar “um local no panorama do intérprete” (*idem*) para poder enxergar “o seu próprio panorama” (*idem*) repleto de suas próprias idéias. Portanto, o emissor procura em seu conteúdo mental uma idéia que seja próxima à idéia do intérprete, ou seja, ele “encontra uma idéia daquela parte do panorama do intérprete que ele deveria relacionar àquele pedaço (de informação)” (*idem*). Nesse processo, ele consegue expressar com o seu signo em benefício do intérprete. Na seqüência, o intérprete se vê obrigado a transpor o mesmo processo “circular semelhante a fim de encontrar na sua vida um local semelhante à sua idéia da idéia que o falante tem da sua vida” (*idem*).

Nessa abordagem, nenhuma comunicação intra-individual pode ser verdadeira, pois, “estamos destinados a interpretar e a interpretação sempre envolve nossos desejos e seus conflitos. Não há

signos seguros na comunicação, apenas sugestões e adivinhações” (SANTAELLA, 2004: 163-164).

Portanto, todo e qualquer enunciado verbal, imagético, gustativo, olorífico e sonoro devem estar contido na mente *Commens*, como um conjunto de signos complexos e ordenados através de signos mais simples, que, observa com antecedência o repertório sógnico da mente interpretante. A mente emissora deve ser sempre “uma cópia de um pedaço” (*idem*) de sua existência individual ou coletiva. Desse modo, o intérprete deve apreender uma segunda cópia deste pedaço copiado e tem de saber onde exatamente, “no seu próprio panorama da vida universal, ele deve encaixá-la” (*idem*).

Nessa abordagem, Peirce admite que a mente emissora e a mente receptora trabalha com idéias que não lhe pertence, elas podem pertencer a uma mente coletiva. Ela procura determinar “um local no panorama do intérprete” (MS 318: 194-95), para poder enxergar “o seu próprio panorama” (*idem*) repleto de suas próprias idéias. Nesse sentido, a mente emissora procura em seu conteúdo mental uma idéia que seja próxima à idéia da mente intérprete, ou seja, ele “encontra uma idéia daquela parte do panorama do intérprete que ele deveria relacionar àquele pedaço de informação” (*idem*). Desse modo, a mente emissora, consegue expressar-se através da sua coletânea sógnica que age em benefício da mente interpretante. Na seqüência, a mente interpretante se vê obrigada revolver-se no mesmo processo “circular semelhante a fim de encontrar na sua vida um local semelhante à sua idéia da idéia que o falante tem da sua vida” (*idem*).

A Lógica-semiótica de Peirce, então, de um lado pressupõe uma “teoria da comunicação” (SANTAELLA, 2004: 160), pelo fato de não haver comunicação fora da intermediação sógnica; de outro lado, o processo do *continuum* semiósico revela todo o processo interpretativo comunicacional, uma vez que, a “ação do signo é a ação de ser interpretado em um outro signo” (*idem*: 161). Assim, o significado de determinado é “signo é outro signo do qual a semiose está em permanente devir. Como poderia ha-

ver comunicação se não houvesse produção de signos para serem interpretados?” (idem).

6 Modelo da Comunicação Natural Mediada Um-todos-todos-um

Chega-se, então, a seguinte tese: a teoria peirceana da comunicação presta-se melhor para ancorar processos comunicativos interacionais cognitivos. Através do modo semiótico, as gradações sógnicas derivadas das relações mente/emissora/ mensagem/objeto, canal midiático digital, mente receptora/*percepto/percipuum*/ interpretante final. A Teoria da Comunicação Natural de Peirce será uma continuidade da Teoria da Comunicação Matemática de Shannon e Weaver, dada em 1949, como o diagrama base para o modelo aqui proposto. Pode-se ressaltar, ainda, que a Teoria de McLuhan segundo a qual o meio é a mensagem, pode, também estar agora, logicamente explicando aqui, pois, esse mesmo meio é também signo, agente e paciente, pois, ele também atua sobre a mente emissora tanto quanto atua sobre a mente receptora da mensagem. Desse modo, o homem é criador e criatura do mediador.

Sugere-se, portanto, que o Modelo da Comunicação Natural Um-todos baseado nas mesmas considerações que sustentam a idéia de uma teoria semiótica da comunicação. Desse modo, os fluxos sógnicos-informacionais dentro de um processo midiático, como a televisão digital-interativa, aumentam sobremaneira através de uma imbricada maneira pela qual são dispostas as partes integrantes do repertório sógnico da mente emissora e a mente interpretativa (pertencentes à mente Cósmica). Dessa maneira, essa complexa organização sógnica, dentro da mente *Commens* poderá ser melhor compreendida pelas mentes emissora e interpretante. A mensagem-objeto, dada pela mente emissora, portanto, determina a gênese do fluxo do complexo sógnico emissivo que é interpretado pela mente interpretante, que através do movimento semiótico inicia a interatividade das mentes emissora e

interpretante. Todas essas mentes do processo de comunicação influenciam e são influenciadas de modo interativo. Todas elas se transformam continuamente de modo dinâmico.

Assim, mentes emissoras e mentes interpretantes interagem através dos fluxos semióticos, ao converterem seus papéis: ora mente emissora, ora mente interpretante, pela interatividade mente emissora/TV digital um-todos /mente interpretante/audiência. À medida que tais fluxos são produzidos, interpretados, interceptados e processados, cresce a complexidade semiótica na interação mente/receptora (agora emissora)/tv digital um-todos/ mente emissora /audiência (agora receptora). Como as relações do ato comunicativo através das relações sógnicas podem explicitar signos específicos, pode-se observar que os fluxos de signos complexos podem interagir com signos complexos. Isso acontece tal modo, que esses fluxos semióticos podem ser compostos conforme cada situação transitória da comunicação mediada. Portanto, essas manifestações sógnicas referem-se simultaneamente ao tipo de comunicação em uso e aos tipos de linguagens utilizadas nesse processo: quaisquer enunciados verbais, imagéticos e sonoros. Portanto, o novo modelo midiático flui, de modo multifacético e aberto, e o Modelo da Comunicação Natural será proposto aqui, com as nuances dos objetos sógnicos em interação e transformação infinitas, esquematizado a partir do diagrama da Teoria Matemática da Comunicação, conforme a Figura 1, abaixo.

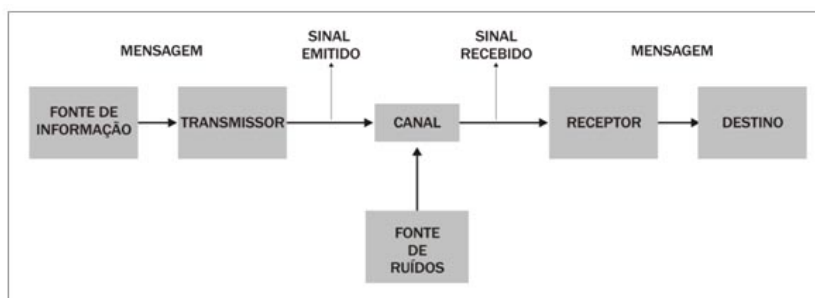


Figura 1 – Teoria Matemática da Comunicação, de Shannon e Weaver, de 1949 (1963: 7).

Inicia-se, então, reproduzindo o clássico diagrama do Sistema de Comunicação linear da Teoria Matemática. Embora o diagrama representativo da Teoria Matemática da Comunicação de Shannon e Weaver, possua fundamento em lógica matemática, encontra-se locado em espaço estéril. Portanto, o diagrama de Shannon e Weaver carece da naturalidade e holisticidade do espaço Cósmico para que o processo de comunicação passa estabelecer as relações de afetabilidade. Assim, é proposto o Modelo da Comunicação Natural um-todos-todos-um, fundamentada na Lógica de Charles Peirce, que trata da mediação entre a mente simbólica emissora e a diversidade de mentes simbólicas interpretantes no processo de comunicação entre a futura TV Digital brasileira educativa ou comercial e seu público.

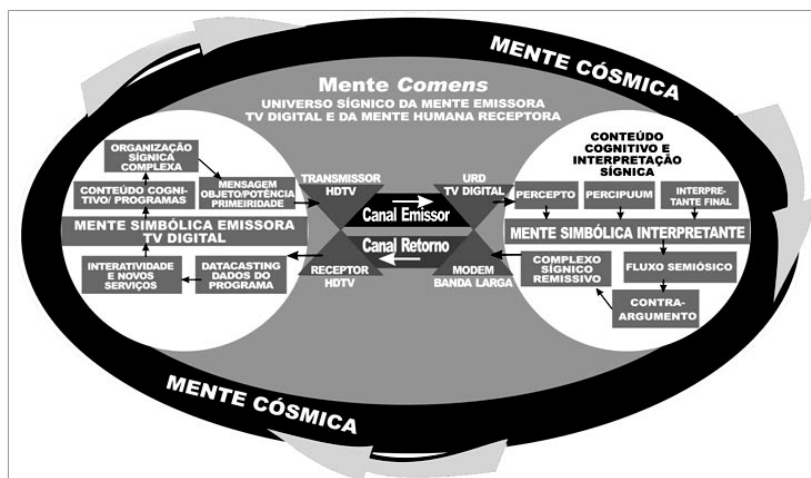


Figura 2 - A ação sígnica ou semiósica que inicia na mente emissora, passa pela mente receptora, retorna à mente emissora e inicia o *continuum* semiósico. É importante dizer que a mente receptora é a audiência total da mente emissora. Fonte: o autor.

Assim, da naturalidade do espaço Cósmico “surge um *continuum* de possibilidades infinitas, um primeiro e genético modo de ser, uma interioridade cósmica que antecede qualquer exterioridade” (IBRI, 2006), a Mente Cósmica. Dessa maneira uma gradual “fragmentação da Unidade Primeira decorre um estado

de Caos eidético” (idem), relativo à essência das coisas. Nesse sentido, a queda do “Primeiro Continuum se dá por ele não comportar em sua interioridade todas as dimensões que são possíveis em um Continuum de infinitas possibilidades” (idem).

A partir disso, uma secundidade “caótica governada por um cego Acaso, muito anterior a qualquer estado de coisas material, torna-se exterioridade para aquela primeira Unidade” (IBRI, 2006), a mente *Commens*. Em dado terceiro estado o “Universo-Objeto é justamente o aparecimento dos continua de Ordem, configurando a terceira categoria em seu matiz ontológico” (idem); que emerge da natureza da Lei e do o Tempo. Essa “simultaneidade genética entre temporalidade e terceiridade, constata em nossa experiência: o Tempo é condição de possibilidade para toda mediação” (idem), a ação das mentes comunicantes.

Nesse paradigma semiósico, o “interpretante Intencional” (SS 196-197), determinado pela mente do emissor, o “interpretante Eficiente” (idem), determinado pela mente do intérprete e o “interpretante Comunicacional,” (idem) ou, “Com-interpretante” (idem), determinado pela fusão das mentes Eficiente e pela mente Co-interpretante “a fim de que qualquer comunicação possa ocorrer. Esta mente pode ser chamada de mente *Commens*” (idem). Ela equivale a toda organização signa complexa que deve estar compreendida tanto no universo sígnico da Mente Emissora, quanto no universo sígnico da Mente Interpretante. Portanto, somente dessa maneira pode ser efetuado ato comunicativo ideal, de tal modo que a simbologia envolvida cumpra sua função: o disparo e a consolidação do fluxo semiósico.

A Mente Simbólica Emissora, recebe os signos gerados pelo “já dito” ou “já existido” e dispara novo conteúdo cognitivo. Dessa maneira, Mente Simbólica Emissora leva o conteúdo até o receptor conectado à Mente Simbólica Interpretante. Nesse contexto, o postulado da Mente Simbólica Emissora, o signo emitido pelo “falante só pode ser parte de sua idéia sobre sua própria vida” (MS 318: 194). O falante deve ser sempre “uma cópia de um pedaço” (idem) de sua existência. Desse modo, o intérprete deve apre-

der uma segunda cópia deste pedaço copiado e tem de saber onde exatamente, “no seu próprio panorama da vida universal, ele deve encaixá-la” (idem). Nessa abordagem, continua Peirce, o emissor trabalha com idéias que não lhe pertence. Ele procura determinar “um local no panorama do intérprete” (idem) para poder enxergar “o seu próprio panorama” (idem) repleto de suas próprias idéias.

O emissor, portanto, procura em seu repertório uma idéia que está próxima à idéia do intérprete, ou seja, ele “encontra uma idéia daquela parte do panorama do intérprete que ele deveria relacionar àquele pedaço de informação” (idem). Na seqüência, a Mente Interpretante se vê obrigada a transpor o mesmo processo “circular semelhante a fim de encontrar na sua vida um local semelhante à sua idéia da idéia que o falante tem da sua vida” (idem). Portanto, a mensagem-objeto, em primeiridade é recebida pela Mente Simbólica Interpretante no *Percepto*. Em secundidade ela é confrontada no *Percipuum*; e, em terceiridade ela é interpretada no *Ponecipuum*, o que forma o Interpretante Final no *Antecipuum*, através do conteúdo cognitivo e com a capacidade de interpretar os signos, que forma o signo novo, transformado, ou seja, o novo hábito.

Dando seqüência ao fluxo semiósico, a Mente Simbólica Interpretante elabora seu contra-argumento, através de uma reorganização sígnica remissiva, isto é, está preparada para disparar o questionamento para a Mente Simbólica Emissora. Nesse sentido, é composta a noção do hábito em Peirce. Portanto, o hábito é um ato consciente e não se aproxima de uma crença, ele é “um julgamento é um ato de consciência no qual reconhecemos uma crença, e uma crença é um hábito inteligente, segundo o qual agimos quando a ocasião apropriada se apresenta” (CP 2.435). Assim, para reforçar a idéia da definição de hábito (terceiridade) é dada por Peirce como: “[...] e terceiro, o poder de adquirir hábitos, que é a base de nossa capacidade de aprender” (MS 1600). Através do retorno da idéia interpretada (sempre em outro signo) pela Mente Simbólica Interpretante, que estabelece a conexão in-

terativa que traz consigo a idéia do novo, através da idéia emitida (retornada) pela Mente Simbólica Emissora.

Assim, é complementado o primeiro ciclo semiótico do ato comunicacional. Desse modo, portanto, o novo signo recebido e interpretado pela Mente Simbólica Emissora gera novo argumento a ser emitido à Mente Interpretante, como nova mensagem-objeto.

7 Modelo da Comunicação Natural Mediada: um exemplo aplicado à TV Digital

Nesse sentido, pode-se aplicar o modelo mostrado na (figura 2 acima), como uma aplicação à futura TV Digital brasileira. A Mente Simbólica Emissora dispara o conteúdo cognitivo do programa exibido, determinado por uma organização sígnica complexa, que delimita a primeira mensagem a ser emitida. Através de um transmissor HDTV que permite a transmissão da diversidade pressuposta na elaboração dos programas compostos de tudo o que existe no roteiro, nos bastidores e na composição dos personagens. Para tanto, os dados contidos no *datacasting* do canal de radiodifusão, oferece o estado da arte em qualidade garantindo a atratividade dos conteúdos, únicos, acessíveis a toda a população e de interesse geral dos telespectadores e a possível intencionalidade da Mente Emissora. Dessa maneira, o canal emissor leva o conteúdo até o receptor URD caracterizado como terminal portátil inteligente, conecta a Mente Simbólica Interpretante do usuário.

Através de um modem de banda larga (para utilizar sistemas interativos e até mesmo fazer acesso à Internet), a resposta será encaminhada pelo canal de retorno até o receptor HDTV. Ao contrário da TV aberta analógica unidirecional, que faz a transmissão da mesma informação ponto-área, ou seja, de um (a emissora) para milhares ou milhões, A TV Digital pressupõe a comunicação um-todos-todos-um através do Canal de Retorno. Dessa maneira, a multidirecionalidade, proporcionará à TV Digital a interatividade dada por conta do *datacasting*, que enriquecerá as informa-

ções para o telespectador e as aplicações interativas. Nesse sentido, estaria pressuposto o comércio eletrônico, as votações na TV Comercial aberta e a interatividade educativa, através de programas *específicos*, nas Emissoras Educativas. Portanto, certamente essa interatividade deve produzir impacto decisivo na difusão do conhecimento.

Enfim, conforme Santaella, não “seria um exagero afirmar que comunicação e semiótica são irmãs siamesas” (SANTAELLA, 2004: 227) e, isso permite considerar a procedência e os traços comuns que estão encerrados no interior desses dois campos de conhecimento: semiótica e comunicação, portanto, como os dois lados da mesma moeda.

8 Referências

- GODOY-DE-SOUZA, Hélio Augusto (1999). *Documentário, Realidade e Semiose, os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento*. Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade de São Paulo.
- IBRI, Ivo. A (2006). *Do Caos ao Cosmos: Reflexões Sobre a Possibilidade da Semiótica*. <http://www.pucsp.br/pos/cos/interlab/ivo/index.html>, Acessado em 10 de junho de 2006.
- MOSTAFA, Solange Puntel (1994). *As ciências da informação*. *Revista São Paulo em perspectiva*, São Paulo: v.8, n.4, págs. 22-27.
- PEIRCE, Charles S. (1931-1958). *Collected papers* (C. Hartshorne, P. Weiss & A. W. Burks). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- PEIRCE, Charles S. (1894). *O que é um signo?* MS 404, publicado parte em CP 2.281, 285, e 297-302.

- PEIRCE, Charles S. (1906). *A draft of a letter to Lady Welby*, SS 196-7.
- QUEIROZ, João (2002). *Semiose segundo C. S. Peirce*. São Paulo: Educ.
- SANTAELLA, Lúcia (2000). *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira.
- SANTAELLA, Lúcia (2004). *Comunicação e semiótica*. São Paulo: Hacker.
- SHANNON, Claude e WEAVER Warren (1975). *The Mathematical theory of communication*. 6^a ed. Urbana: University of Illinois.